Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación
www.eptic.com.br Vol.VI, n.1, Ene-Abr. 2004

Um programa de estudos

Antônio Fausto Neto
PPGCC/UNISINOS-RS

A literatura comunicacional latino americana ganha , no ano que termina, um importante e qualificado texto produzido na Argentina por Eduardo Vizer, catedrático na Universidad de Buenos Aires, e professor visitante durante o primeiro semestre de 2003 no programa de Pós graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul (Brasil).

"La trama (in) visible de la vida social - comunicación, sentido y realidad" , (La Crujia, Buenos Aires), não se trata de um texto de ocasião, na medida em que não aborda questões temáticas e nem se constitui num estudo empírico de práticas midiáticas latino americana, mas é uma obra valiosa pelo largo alcance, principalmente o de colaborar para a melhoria da bibliografia teórica e epistemológica da Comunicação, como área de estudos e como objeto da pesquisa científica aplicada.

Sua estrutura é, no fundo, um convite, um programa de estudos de questões que pedem tempo, dedicação e enfrentamento à conceitos, temas e categorias que não estão circunscritas a um determinado âmbito de problemas, mas que atravessam vários territórios, cuja visita e conhecimento mais cuidadoso, são operações fundamentais para se entender a comunicação como conceito, como matriz , como área de conhecimento e/ou como uma prática que transcende intervenções midiáticas e que se desdobra em várias operações nos domínios da vida social .

Tendo como lugar de saída as Ciências Sociais, cujas marcas da boa escola de formação sociológica (argentina) do autor estão presentes na elaboração do cap I(Construindo dominios do conhecimento), via o manejo de um amplo e complexo quadro conceitual, bem como na erudição informativa e analítica sobre os diferentes cenários teóricos e epistemológicos nos quais os fenômenos de comunicação são elaborados. O segundo capítulo se tece, possivelmente, a partir de uma pergunta , ampla, mas , mas ao mesmo tempo pontual : "efetivamente sabemos a que realidade(s) estamos nos referindo quando falamos de comunicação ?", que é enfrentada ao longo dos diferentes capítulos onde são tratadas questões teóricas , outras metodológicas, além daqueles de natureza "conjunturais" como por exemplo, a comunicação a partir da matriz das "novas tecnologias" ,

bem como o desafio de sua aplicação, ao refletir sobre o tema da investigação - ação .Neste capítulo (Existe a Comunicação?), começa a formular possíveis respostas á interrogação formulada, na medida em que propõe que "a comunicação se constituiria em um solo , em uma ontologia relacional e fundante que constitui a trama complexa e profunda da vida social, a partir da qual os intercâmbios intersubjetivos entre os homens (tanto no nível interpessoal como institucional e coletivo) possibilitam a expressão de uma infinita multiplicidade espacial e temporal nas quais se "realizam os fatos", os textos e os atos de comunicação. Em resumo, a comunicação seria "cruzar a ponte" do ser no mundo. E a ponte é sempre preexistente ao sujeito social"(p. 94).

O trabalho enunciativo do autor nos traz marcas de que o seu dizer, como tentativa de resposta á inquietante questão que se fez antes, passa menos por enunciados contendo asserções afirmativas, mas por um processo cuidadoso de elaboração e tensiosamento de conceitos , cujo índice já está exposto no próprio titulo do cap. III "Pensar a Comunicação". Assim, recorrendo a uma revisão histórica das matrizes e registros que imprimiram `a comunicação um status de pesquisa acadêmica, sua compreensão é associada , inicialmente, às diferentes contribuições de distintas áreas de conhecimentos. Pode ser pensada pelo apoio fundante da teoria dos signos; pelos estudos de efeitos ; via o peso específico das tecnologias , importante para se compreender a globalização do consumo midiático; a contribuição dos "estudos culturais"; a projeção das teses do interacionismo simbólico sobre os fluxos de comunicação; o trabalho macro analitico da economia política, etc.

Entretanto a comunicação parece ser mais que isso, algo que o autor chama de um "metanível de observação", pela sua capacidade de organizar e de elaborar processos de sentidos que permitam instituir a importância e a responsabilidade de um lugar que se dedica a singularidade do trabalho interpretativo , hoje, no mundo contemporâneo. O que faz a comunicação? pergunta e formula caminhos sobre seu estatuto.Explora as relações entre os diferentes campos de estudo; os discursos e a construção de significados coletivos, institucionais e interpessoais; opera como ponte entre o mundo objetivo e o mundo das intersubjetividades . Se ocupa também nas transformações do espaço e do tempo, das relações e vínculos entre os atores sociais.

Os objetos e as práticas sociais complexas - vão definindo os contornos de um trabalho (teórico e metodológico) a ser feito pelas "ciencias da comunicação, daí a alcunha que lhe é atribuída pelo autor quando a nomeia como uma "ponte" a articular e "decifrar ' uma

realidade mais complexa, pois "a comunicação pode ser precisamente uma perspectiva de interpretação que "cruze" os limites disciplinários e ajude a construir um metanível de compreensão sobre a complexidade conflitiva e a multidimensionalidade dos processos que se articulam em uma realidade dada.(p. 157). Porém , para que as ciências da comunicação possam operar como este lugar de articulação, três requisitos são apontados neste livros . como "conselhos" para aqueles que se encontram nesta empreitada: a avaliação crítica e epistemológica permanente das teorias; compreensão das transformações aceleradas da vida social; e a objetivação e desconstrução intelectual dos contextos sociais e institucionais, éticos e pragmáticos nos quais se desenvolve o trabalho de investigação (p. 136) .

As formulações de Vizer têm um cenário de ancoragem na medida em que são pensadas tendo como referência a complexidade do chão histórico e social, referência central, cujo desconhecimento de sua complexidade torna dificil se compreender a "comunicação em ato". Dispositivo e, ao mesmo tempo, força estuturadora e de produção de sentidos. Para tanto, é "chegada a hora de adotar uma perspectiva epistemológica que tente objetivar tanto as condições históricas sociais objetivas", como as condições de uma "transubjetividade" social, histórica e cultural, pois é, afinal de conta, na articulação entre elas que emergem as múltiplas formas e manifestações os processos de construção de sentido, e estes sentidos formam a própria substância -ontológica- do mundo da vida". (p.27) .

Diante do modo de ser do mundo em que em que vivemos, no qual se pratica mais operações do que interpretações, Vizer dá à matriz de comunicação uma enfâse considerável, como um precioso dispositivo capaz de operar o trabalho de restauração dos processos interpretativos, cada vez mais empobrecidos diante da incidência dos protocolos técnicos responsáveis pela construção de novas realidades e, ao mesmo tempo de novos processos de leituras do mundo. Em função destas realidades , onde velhos processos de formação de sentido perdem a sua importância, ou decreta-se o fim da sua existência - é que o autor considera que "um objetivo fundamental para as disciplinas da comunicação é precisamente o estudo da complexidade dos processos de interpretação e sua capacidade de incidir ,transformar e ainda criar contextos e tramas que os atores implicados possa assumir como realidade"(p.184).Reclama a importância e a restauração de processos interpretativos da vida social , lembrando da singularidade das tramas e narrativas do mundo da vida como lugar onde escoam outras estratégias de sentidos . Ou seja, a rede de produção de sentido é muito mais ampla e complexa do que supõem algumas teorizações modernas , cujas perspectivas

descartam, dimensões que constituem uma "ecologia de universos de sentido" estruturada e postas em funcionamento pelo outro- redes de sujeitos e indivíduos.

Tais questões são exercitadas em três capítulos específicos: "investigação-ação: aportes e reflexões", cap. 5; "Capital social y/o cultivo social?", cap. 6, e "A cultura tecnológica: metáforas e realidades,(cap. 7).Examinando as possíveis aplicabilidades das novas tecnologias da informação e de informação á processos sociais - principalmente àqueles que se reportam ao papel da comunicação na mudança de processos comunitários,- o autor tem uma posição ,ao mesmo tempo estimuladora, mas cética em relação às suas potencialidades. Diz que estas "novas tecnologias não resolvem em si problemas reais - nem ontológicos e nem teóricos, uma vez que os motivos que explicam sua aplicabilidade são de diferentes natureza. Porém , concorda com o fato de que são "valiosos e específicos para estabelecer redes e formas de participação social, mas também o contrário, na medida em que podem gerar novas formas de diferenciação e isolamento social. Ou seja, podem abrir portas para criação de novas formas de associação econômica politica e cultural, mas também podem tender a reforçar a marginalidade (exclusão) de grupos e setores sociais mais vulneráveis(p. 300).

Diante destes desafios e "ameaças", ao formular os processos de intervenção do comunicador em práticas complexas, mas de fundo social e comunitário, situa que os processos de intervenção passam por tres níveis(institucional, analítico e da experimentação-ação (cultivation analisys), lembrando as teses de Gerbner, que segundo ele desembocam no que chama numa contribuição que a perspectiva comunicacional pode dar á processos de processos de desenvolvimento e de promoção social, via quatro termos específicos : comunidade/ sociedade/ comunicação e cultura.

É para esta problemática - estrututurada por e em torno de linguagens e de economias significantes - que Vizer chama atenção do papel que têm as ciências Sociais , e particulamente, a comunicação para um novo protagonismo . Converter-se em um dispositivo organizador de vínculos, de articulação de processos , mas também numa espécie de lugar que possa favorecer e estimular processos de leituras do mundo da vida. Nesta particular, a matriz teórica da comunicação ultrapassa largamente a dos "mass medias" como definição de comunicação e , neste caso ela é pensada como já foi ressaltado, como uma instância de produção e de articulação de sentidos. A comunicação passa assim a ser vista como uma matriz que reúne ação social e formação de sentido , ao mesmo tempo. Como

as práticas de comunicação podem dar conta deste amplo manejo de conceito? O autor , a certa altura do cap. V (capital social y/o cultivo social", formula uma alternativa, que no fundo é uma espécie de desafio aos modelos e matrizes de formação dos especialistas em comunicação , bem como aos próprios processos onde a comunicação opera como dispositivo de experimentação : "o comunicador social tem por função e responsabilidade específica participar ética e criticamente no processo de recriação contínua do universo simbólico que os diversos meios de comunicação, sejam estes - massivos, ou não - produzem como espaço audiovisual. O comunicólogo deve ser capaz de reconhecer e investigar as múltiplas dimensões simbólicas , antropológicas, culturais e psicosociais da comunidade ou das investigações nas quais opera, seja dentro de processos interpessoais ,institucionais, comunitários ou coletivos .(p.318). Mas ele reconhece que "a promoção comunitária da perspectiva da comunicação , é ainda uma prática nova, à busca de teorias, de métodos e dispositivos que ajudem a orientar e coordenar os valores e os objetivos da "ação coletiva" para fins democráticos e do desenvolvimento humano"(p. 318).

Evidentemente que esta problemática posta nestes termos coloca questões novíssimas para uma área de conhecimento em constituição, e cujas práticas operam com outras problemáticas, ,ou são ou estruturadas em torno de outras como é o caso dos processos de midiatização, hoje. Certamente que isso evocaria a noção ,dentre outras matrizes, da transdisciplinaridade, especialmente suas potencialidades, mas também dos seus inevitáveis limites. Envolveria o debate e a reflexão sobre o papel da universidade, especialmente das escolas de comunicação, em processos e em práticas que transcendessem às noções vigentes dos mercados profissionais. Também a adoção de uma compreensão por parte das instituições, das mais diferentes matizes, de que a comunicação é hoje um elemento estratégico , para além do receituário da "comunicação organizacional e das relações públicas". Por outras palavras, em que medida compreender a comunicação como uma matriz com esta tamanha magnitude, assim formulada, não se estaria pensando também em modelos de práticas que viessem a ser distintas daqueles que orientam outras práticas comunicacionais, hoje? Valeria perguntar se na hipótese de Vizer não estaria contida uma outra noção de "ação comunicacional" , distinta daquelas que caracterizam algumas dimensões dos cenários - de formação e de prática profisssional - comunicacionais da América latina?

Tais questões suscitam uma pequena digressão. Outrora, nos tempos do paradigma da "Comunicação das novas idéias", formulado pela escola difusionista americana, a

comunicação se constiituía na "varinha mágica", para se enfrentar e se vencer os problemas da pobreza e da mudança de hábitos de culturas de populações pobres do Continente. Nos dias atuais, até que ponto, não estaríamos vivendo , de certa forma, o espírito do mesmo diktat , na medida em que as lógicas da midiatização e da marquetização não só penetram nas culturais organizacionais, como são tomadas como referências dominantes na organização dos processos estratégicos de produção . de oferta e de apropriação de conhecimentos , que envolvem instituições e consumidores de políticas públicas.

Ao mesmo tempo , no contexto do debate e das reflexões críticas sobre os limites de algumas teorias comunicacionais, como recurso para explicar realidades culturais e comunicacionais da América latina, observa-se também a defesa de deslocamentos de questões , como por exemplo a "viragem da comunicação" do meios em si para as questões de processualidades, algo que sugere um arejamento dos modelos teóricos com que trabalham os comunicólogos, especialmente aqueles ás voltas com o trabalho da comunicação em processos de intervenção social. Mas, este "convite" tem gerado muitas distorsões pois as dificuldades em se compreender este novo "giro teórico' tem a ver com os processos e matrizes históricos (teóricos , metodológiocos e tecnológicos) com os quais são formados os especialistas em comunicação. Trata-se de um novo "lugar de saida", marcado pela complexidade e transversalidade apontadas largamente por Vizer , cujas bases epistêmicas, teóricos e conceituais carecem ainda à tradição das matrizes de formação dos estrategistas , instrumentalizados, grosso modo, pela lógica da comunicação instrumental. Isso tem efeitos concretos nos cenários e ambientes de formação de pesquisadores de comunicação e noutros ambientes de experimentação de práticas, de políticas e de pesquisas, pois se observa, com frequência , a deposição de modelos teóricos por outros, de forma tão radical e esquemática , a tal ponto de que juntamente com o marco teórico, vão-se o objeto e o próprio "lugar de saída", a especificidade da comunicação.. Talvez um bom exemplo para ilustrar esta afirmação seja uma tendência de "antropologização da comunicação ". Antes mesmo de se perguntar o objeto sobre a complexidade de que é portador, se elege a "tirada metodológica", da pesquisa qualitativa, como um "ato mágico". Porém, trata-se de uma prática duvidosa pois nem sempre nele está presente o rigor metodológico que caracteriza o trabalho de campo realizado pela tradição e o figurino antropológico propriamente dito. Não se trata da defesa de um purismo ou dos limites da fronteira de campo, mas na necessidade de se bem compreender o "lugar de saída" em torno

do qual se situa um problema (de comunicação) a ser pesquisado, bem como o real alcance, sem falar do desafio que representa o domínio da técnica antropológica como procedimento a fornecer possibilidades para a construção do esclarecimento do problema em análise .

Talvez o que estas questões estejam a sinalizar , é sobre a existência de novas problemáticas que sinlizam também remodelações nos pressupostos (teóricos) e nos modos (metodologias) nos "modos de agir "da própria área da comunicação, algo que de certa forma vem sendo sinalizado pelo vigoroso texto de Eduardo Vizer quando nos sugere que as ciências da comunicação podem realizar um aporte considerável tanto á compreensão como no diagnóstico e na própria intervenção social, mas algo que passa pelo enfrentamento de desafios, como o de " produzir um saber transdisciplinar e, ao mesmo tempo acessível ás pessoas. Também deve desenvolver um "discurso do método" associado á pratica de intervenção e à construção de espaços de participação. A comunicação implica não só no processo de recriação de vínculos e do laço social, mas também sua concretização em atos e valores. A comunicação , enquanto práxis, deve ser o lugar do sentido e da significação "(p.30).

As preocupações do autor , que se propugna por um novo modo de pensar a comunicação recebem a concordância de um outro ilustre pesquisador latino americano, Jesus Martin-Barbero que ao escrever o prólogo desta obra, alem de lembrar a importância da comunicação como lugar estratégico nos processos de configuração dos novos modelos de sociedade, aponta suas preocupações atuais no sentido de lutar contra o pensamento fácil que se instala nos ambientes de produção cientifica , do âmbito comunicacional, na América latina. O texto de Barbero, não contem apenas um anuncio, mas igualmente um convite para se vencer este desafio , adiantando , desde logo, algumas armas, ou os fundamentos do seu combate como, por exemplo, o papel que tem o desenho do " complexo esquema dos mapas indispensáveis que nos permitam compreender a comunicação na multidimensionalidade de seus processos e a transversalidade de seus eixos de análises(p. 12) .

Vizer , de sua parte, desenvolve no seu livro contribuições e pistas pelas quais a comunicação possa dar conta destes novos desafios,. Propõe, assim, algumas dimensões de fundo colocando em questão matrizes que têm orientado atividades formativas, processos de intervenção e modelos analíticos no que diz respeito à parâmetros sobre a investigação social de objetos comunicacionais. Sem dúvida que, por se tratar de uma proposta de um "programa de estudo", que se delineia na forma do seu excitante livro, ela não pode ser confundida com

um manual de receita , e nem tão pouco em num diário de orientação metodológica. Pelo contrário, passa por refinadas e pacientes mediações e re-elaborações tarefa complexa e árdua para um campo com uma experiência teórica e metodológica em construção.

Por muitos anos a história dos processos de construção do campo comunicacional passa por tematismos e esquematismos , cujas ressonâncias e aplicações geraram mais malefícios do que frutos. O texto de Eduardo Vizer não é bom apenas porque "vem de dentro", no sentido de ter sido produzido nos bancos acadêmicos da própria América latina. Suas qualidades superam longamente este "atributo," e sua geografia, e se destacam por que , de fato, se trata de uma reflexão na qual as "resposta falham" já que o seu propósito foi o de organizar , de uma forma culta e densa , interrogações para serem meditadas com paciência e elaboração , nas distintas temporalidades daqueles que com ele vão refletir.

Convivi com o autor durante a sua breve mais profícua passagem pelo campus da UNISINOS, em São Leopoldo(Rio Grande do Sul, Brasil). Mas, somente após o seu regresso á Buenos Aires, é que alguns apontamentos de diálogos entre nós havidos, é que puderam ser compreendidos, no 'dia seguinte ' , e provocados por outras questões, fora do âmbito de uma disciplina na qual participávamos como professores. Talvez o mesmo possa "antever" - ou desejar- por parte daqueles que vão se dedicar á leitura/estudo desta obra.

Sua compreensão resultará dos diferentes "contratos de leitura" que dele cuidarão. Possivelmente, "só depois" é que as "tramas " por ele urdidas poderão ser compreendidas". Quem sabe?

Pena que os projetos que envolvem o Mercosul não sejam , de fato pontes, que contemplem com mais eficácia os acordos e" projetos intelectuais", o que nos permitiria ter acesso a obra desta envergadura ,com mais facilidades em nossas prateleiras, abolindo de fato as nossas fronteiras, especialmente ás do pensamento.